

Por que o cristianismo fundamentalista tem medo da sapatona aberrante?

Jessica Tatiane Felizardo¹
Ana Paula Figueiredo Louzada²

Resumo: O ensaio tem como proposta problematizar o discurso acerca do cristianismo fundamentalista e o discurso da extrema-direita. Ambos se forjaram na política, ocasionando um discurso em torno do falatório da ideologia de gênero. Anexamos uma carta-manifesto escrita no ano de 2021 por três pessoas, sendo uma delas uma sapatona, na qual denunciam o conservadorismo de uma comunidade católica situada na periferia de Cariacica, Espírito Santo. A carta é um analisador (ferramenta da análise institucional), que dá abertura para a reflexão a respeito do modo como o cristianismo fundamentalista produz violência. Ao mesmo tempo, a carta é um arquivo de problematização das práticas e de resistência. Lançamos, também, indagações sobre como a igreja católica continua sendo um lugar de paradoxo, que prega “amor” e “ódio” entre fiéis. Em tempos de discursos de ódio e de fascismos, algumas vidas são exploradas, sendo alvos de diversos ataques. A sapatona, como desvio de identidades, mobiliza a política do borramento e do incômodo à norma. É relevante ressaltarmos que, desde 1995, na Conferência Mundial da Mulher, da Organização das Nações Unidas (ONU), o Vaticano questionou a existência da sapatona como ser humano de direito. Os grupelhos eclesiais haviam indagado se a sapatona seria mesmo mulher. O poder pastoral, que vigia os corpos, é o mesmo que prega a paz. Nessa perspectiva, o que esses discursos produzem como práticas sobre as existências das sapatônicas? É imprescindível destacarmos que o discurso fundamentalista propicia o fascismo, uma vez que faz o ódio ao outro ganhar força. Assim, o extermínio da população negra, a violência doméstica, o assassinato de mulheres cis e trans, e a sapafobia são experiências, que, acusadas por práticas conservadoras, são produzidas por discursos, que rogam seus apagamentos. Finalmente, o presente escrito lança um diálogo com Michel Foucault e Judith Butler a respeito das tecnologias de controle do poder pastoral e das vigilâncias dos gêneros e sexualidades, questionando, por fim: quando uma vida importa e quais pistas sobre práticas de resistências são possíveis pensar num tempo em que todos/as vigiam o CU do/a outro/a?

Palavras-chave: Alteridade; Discurso fundamentalista religioso; Sapatônica; Subjetividade.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional na Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil. Email: jessicafelizardo12@yahoo.com.br

² Professora Adjunta no Departamento de Psicologia e Professora Permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil. Email: paulalouzada27@gmail.com

O presente ensaio tem como bojo fazer uma análise crítica acerca do discurso religioso fundamentalista e do discurso da extrema-direita. Ambos se forjaram na política, ocasionando o falatório da ideologia de gênero. Quem, aqui, não se lembra de como esse enunciado “ideologia de gênero” passou a fazer parte do cotidiano? Passamos a escutar esse enunciado de modo corriqueiro nas ruas, nos ônibus, nas reuniões em família e no *uber*. Era, pois, uma experiência desconfortante frente às confusões, que se faziam, ou até motivos para treta. Afinal, tudo isso ganha força à medida que se torna estratégia política no campo da linguagem e social, para produzir confusão acerca das subjetividades entendidas como dissidências sexuais e de gênero³ no Brasil.

A ideologia de gênero foi questionada como um debate, que não seria bem-vindo nas escolas. As educadoras, que ousassem debater sobre a discriminação de gêneros e sexualidades dentro da instituição educacional, seriam interpretadas como incentivadoras de crianças e adolescentes experimentarem a condição de ser uma criança bicha⁴ ou sapatona. Com isso, a extrema-direita lançou inúmeros discursos falaciosos a respeito, tornando o debate mais difícil e reforçando a política do ódio no sistema educacional.

Isso posto, entendemos que a escola é um espaço de reflexão e desconstrução; é, pois, a afirmação de todas as diferenças. Nós, adultos, somos responsáveis por ensinar às crianças, desde a infância, a se libertarem de toda ignorância e discursos de ódio sobre todos corpos sapabichas, isto é, fora do padrão e da norma.

É relevante ressaltarmos que as confusões, as quais se fazem de experiências com o gênero e a sexualidade, não tiveram início nos quatro governos da extrema-direita no Brasil. Cabe dizermos que o termo “sapatona”⁵ vem desde o ano de 1995, sendo pautado na Conferência Mundial da Mulher, da Organização das Nações Unidas (ONU), em prol de discutir os direitos universais da mulher. No ano de 1995, o termo “sapatona” causou desconforto para o Vaticano, que não concordou que as subjetividades das sapatices

³ Trata-se de subjetividades que experimentam diferentes formas da sexualidade e gênero que não seja enquadradas a normatividade.

⁴ Para saber mais sobre essa temática, ler artigos e obras de autoria de Dr. Prof. Alessandro Rodrigues.

⁵ No documento oficial, comparece o termo lésbica. Por questões políticas e de estratégica epistemológica, estamos sustentando o uso do termo sapatona. Trata-se de ser utilizado, aqui, no Brasil, como expressão de xingamento. Em outros momentos, o termo, também, se sustenta a respeito dos estudos sobre masculinidade feminina cis, a qual ao experimentar a masculinidade feminina no corpo, faz comparecer a sapatão.

entrassem na pauta da categoria universal dos direitos da mulher, haja vista que ela romperia com o contrato, que vincula a mulher ao homem.

A partir de tal acontecimento registrado por Judith Butler (2022), em sua obra *Desfazendo gênero*, no capítulo “O fim da diferença sexual”, podemos indagar: o que aconteceu, afinal, com o Vaticano, que se interrogou se a sapatona seria mesmo uma mulher, sendo interpretada como anti-humano na medida em que rompe com o contrato de casamento e com a compulsoriedade da maternidade? Nessa perspectiva, toda essa discussão produziu, e ainda produz, confusões acerca da identidade de gênero e da sexualidade. A partir do momento em que se interpretou que a sapatona não seria uma mulher para o Vaticano, dando a entender que o gênero seria um código para a homossexualidade, as coisas se complicaram, haja vista que, nas palavras de Judith Butler (2022, p. 304), “[...] o gênero, dizem, não deve ser confundido com a sexualidade, e isso parece certo de alguma forma”.

Dessa maneira, acreditamos ser importante realizar um retorno ao acontecimento da Conferência Mundial da Mulher, da ONU, em 1995, dando ênfase ao modo como a igreja se posicionou, tendo em vista que ela própria fundamentou este discurso da “ideologia de gênero”, reforçando confusões sobre a identidade de gênero e a sexualidade, e colocando a sapatona como anti-humano, uma aberração por não cumprir os mandamentos da mulher de deus ou a dita santa provedora da família. Tal retorno nos faz ter o entendimento que essas questões não compareceram somente com o discurso da extrema-direita (bolsonarista). Isso já estava colocado no modelo conservador, que frisa a lógica binária e os costumes da família cis-heteronormativa brasileira. Sobre esse assunto, Junqueira (2019, p. 14-15) comenta:

[...] vale afirmar que existe ‘teoria/ideologia de gênero’. Existe, mas não conforme descrevem ou denunciam os cruzados antigênero. Existe como invenção vaticana polêmica. É um sintagma forjado para operar como uma arma política, enquanto dispositivo retórico, metadiscursivo, paródico e reacionário. Um dispositivo que, de um lado, age para conter ou anular o potencial crítico e emancipador do feminismo e dos Estudos de Gênero e deslegitimar atores e reivindicações neles fundamentados. De outro, enseja a valorização, o acúmulo e a recuperação de capital social e político por parte de setores tradicionalistas e ultraconservadores – especialmente, o campo eclesiástico, interessado em manter e ampliar sua influência, inclusive em temas e espaços não estritamente religiosos ou que, em sociedade laicas, não

deveriam ser religiosos, como a educação e a saúde pública. ‘Teoria/ideologia de gênero’, portanto, existe e não corresponde e nem tampouco resulta do campo dos Estudos de Gênero ou dos movimentos feministas e LGBTI. É, em vez disso, um dispositivo de origem vaticana urdido para promover uma agenda ultraconservadora, antifeminista e antagônica à democracia e aos direitos humanos entendidos em bases mais amplas e plurais.

Assim, a sapatona é o que vaza como desvio desse regime heterossexual (WITTING, 2022), como força. Sua existência produz a política do incômodo, porque ela rompe com a máscara da feminilidade, contratos de casamento, maternidade e modos de compor uma família, e habitar o mundo. Tal subjetividade é de suma importância para a memória de um país, pois a sapatonece, como força, enquanto modo de experimentar a vida, atravessa todas as subjetividades humanas. Ela é a contaminação à medida que lança como criação de vida seu protocolo de resistência e sobrevivência.

Um país, que tem medo de dar o cu: a relação de fascismo e alteridade (outro)

“O que pode sair de um cu além de excrementos?” (SAEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 10)

Todo mundo tem um cu e o usa como deseja! Será? As experimentações anais e fáticas têm suas modulações discursivas, que não estão no mesmo campo de discurso de prazeres e experimentações. Ou seja, nem todo mundo que tem um CU o usa como fonte de prazer, e nem toda sapa, ao ser penetrada por uma cinta peniana de borracha, silicone, com textura de pele humana, deseja se relacionar com homens. Isso por que o pênis não está dado somente para a masculinidade cis⁶. Dedos, bicos de peitos, dildo, cintaralho e vibradores são tecnologias de prazer. Com isso, essas tecnologias rompem com a narrativa de que só homens podem meter ou foder por terem um pênis. Sobre isso, Paul Preciado (2014) cunhou o termo contrassexualidade. Ele diz:

[...] a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominada ‘homem’, ‘mulher’, ‘homossexual’, ‘heterossexual’, ‘transsexual’ bem como suas práticas e identidades sexuais,

⁶ O termo cisgênero, é usado para nomear pessoas que se identificam com o gênero que é designado quando nasceram, sendo associado socialmente ao sexo biológico.

não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informações, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios. A contrassexualidade afirma que no princípio era o dildo. O dildo antecede ao pênis. É a origem do pênis. A contrassexualidade recorre à noção de 'suplemento', tal como foi formulada por Jacques Derrida (1997), e identifica o dildo como suplemento que produz aquilo que supostamente deve completar (PRECIADO, 2014, p. 22-23).

As sapatonas, como um dispositivo de força e anti-identidade, entenderam que a cinta, ao ser utilizada como experimentação de possibilidades de atingir o prazer por elas, ou pela companheira, retira a visão machista de que somente homens penetram.

Do mesmo modo, não lidamos com a vigilância das nossas vaginas, dedos, bicos de peito, olhos, boca, orelhas e nariz como o cu. Aliás, por que é tão vacinatório o que se faz com o CU? Janier Saez e Sejo Carrascosa (2016) frisam que há uma política, que atravessa o cu, sendo a extrema vigilância e a fascinação. Assim, o desejo pelo cu está num lugar de paradoxo num regime hétero, uma vez que discursos fascistas disseminam ódio, machismo, homofobia e racismo, sendo interpelados pela ótica da vigilância do cu. Por isso, lançamos uma indagação: em tempos de fascismo, o que podemos aprender com o CU?

Explicitar que nem todos que gostariam de ser penetrados se permitem é refletir sobre o desejo reprimido. Numa lógica do macho impenetrável, ao tentar sufocar seu desejo, lança-se a vigiar o cu do outro em prol de satisfazer seu desejo. Jair Bolsonaro, por exemplo, desejou vigiar todos os cus dos seus eleitores. Não é à toa que a maioria de leitores que votou⁷ na criatura performou a masculinidade branca, com ódio contra a mulher, lembrando que o Brasil é o país que tem altos índices de feminicídio. Dessa maneira, toda diferença (alteridade) aos olhos do modelo cis-heteronormativo branco é uma ameaça para o fascista. Por isso, o fascismo dá força aos discursos de ódio às alteridades. Nas palavras de Marcia Tiburi (2005, p. 27):

O fascista usa o afeto destrutivo do ódio para cortar laços potenciais, ao mesmo tempo que sustenta, pelo ódio, a submissão do outro. Como personalidade autoritária, ele luta contra o amor e as formas de prazer em geral. Um fascista não abraça. Ele não recebe. É um sacerdote que pratica o autoritarismo como

⁷ Essa informação está disponível, em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleitor-tipico-de-bolsonaro-e-homem-branco-de-classe-media-e-superior-completo/>

religião e usa falas prontas e apressadas que sempre convergem para o extermínio do outro, seja o outro quem for.

O Cu foi, pois, o primeiro órgão a ser colonizado num sistema capitalista. Segundo Deleuze e Guattari (2011), o cu não foi monetizado. Sobre isso, eles comentam: “O primeiro órgão a ser privatizado, colocado fora do campo social, foi o ânus. O ânus foi quem deu seu modelo à privatização, ao mesmo tempo em que o dinheiro exprimia o novo estado de abstração dos fluxos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 189).

O sujeito, empresário de si no sistema neoliberal, vende, negocia e privatiza tudo, menos o seu cu. Toda essa proteção do buraco do cu é de nível moral e até mesmo fascista. Frente ao seu desejo pela não diferença, privatiza seu cu, colocando-se como o hétero-branco impenetrável. Como modelo de masculinidade hegemônica e com princípios morais, ele torna o ânus intocável, sendo uma zona de não experimentação.

A fixação na analidade se volta contra si, produzindo uma vida ressentida de extratos duros. O fascista quer destruir a diferença e trazer à tona um mundo, onde a diferença não cabe. De tal modo, o fascismo quer limpar aquilo que, segundo ele mesmo, está sujo. O/A “outro/a” está sempre colocado/a numa zona de ódio e de sujeira para o fascista.

Assim, todo conservador tem um probleminha com o cu, na maneira como ele o protege, uma vez que tem medo de perder o próprio. Se o fascismo tem como característica a penetrabilidade em tudo, o homem cis-hétero-branco protege seu cu, tornando-o impenetrável.

Na obra *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (2011) ressaltam que todos estão enrabados pelo sistema capitalista. Doravante, o sujeito fascista, ao produzir narrativas, as quais dizem que se pode vender tudo para o capital, recusa perder o cu, pois o cu não é um órgão coletivo, experimental. Isso quer dizer que, para o fascista, o mundo é igual a si. Todavia, todo tipo de diferença torna-se alteridade. É preciso, então, produzir discursos e tecnologias para forçar as capturas e forjar o ódio, que acarreta a exclusão ao outro.

Essa hostilidade ao outro pode estar mais próxima de nós do que imaginamos! Foi isso que alegaram os autores Angelo Cenci e Edison Casagrande (2018) no artigo intitulado: *Alteridade, ação e educação em Hannah Arendt*. Ambos conduzem algumas

pistas para reflexão sobre o assunto, trazendo Hannah Arendt, uma judia e filósofa, que estava além de seu tempo, para o debate. De acordo com Arendt, pela ótica dos comentaristas citados, a incapacidade de pensar far-se-á cometer o apagamento de algumas vidas. Por isso, a experiência de ir ao encontro com o mal, ou como a autora coloca em sua obra, “banalidade do mal”, coincide com a experiência de se chocar com a não visibilidade de potência nas diferenças de uma vida. Ao contrário disso, essa tal diferença é odiada, hostilizada, enquadrada como sujeitos, que “[...] nunca são reconhecidos como vidas” (BUTLER, 2018, p. 17).

Arendt demonstrou, em todo o seu pensamento, como foi preciso produzir ideologias para sustentar o ódio e a exclusão ao outro. A pensadora narrou que o acontecimento ocorrido no século XX, conhecido como “Totalitarismo”, foi um laboratório central para o ódio ser fundamentado aos modos de vida dos judeus, ciganos, dissidências sexuais e de gêneros, indígenas e negros. Isso foi o suficiente para concretizar os campos de concentração.

Assim, esse outro, como alteridade, vai sendo construído por um ideal da norma. Uma vida que fracassa por não dá conta de cumprir com esse modelo ideal se põe em seguida como uma vida de risco, haja vista esses corpos, essas vidas, estarem num lugar de vulnerabilidade. Sobre isso:

A condição precária da vida nos impõe uma obrigação. Devemos nos perguntar em que condições torna-se possível aprender uma vida, ou um conjunto de vidas, como precária, e em que condições isso se torna menos possível ou mesmo impossível. É claro, não se deduz daí que se alguém aprende uma vida como precária decidirá protegê-la ou garantir as condições para sua sobrevivência e prosperidade (BUTLER, 2018, p. 15).

A alteridade das dissidências sexuais e de gêneros engloba pensar que o outro é necessário para a afirmação da sexualidade e do gênero numa ótica hegemônica. A disseminação do ódio a favor do apagamento, exclusão e morte de alguns corpos, que não importam, demarca que é preciso criar a sua existência, para, então, excluí-la. Nas palavras de Carlos Skliar (2003, p. 41): “Poderia ser que o outro, na sua alteridade radical ou na sua singularidade irreduzível, haja se tornado perigoso ou insuportável e, por isso,

seja necessário exorcizar a sua sedução?” Isso posto, o outro, portanto, ganha espaço no discurso como alteridade, hostilidade e exclusão.

O que percebemos com isso é que existe um desejo de inventar e exorcizar sujeitos como demônios, que vivem uma vida mundana, de pecados. A igreja, por exemplo, é esse laboratório. Frente ao seu poder pastoral de vigilância, rompe com os processos de uma vida criativa, reinventiva. A esse respeito, Friedrich Nietzsche (2007, p. 17) comenta:

O cristianismo foi, desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em ‘outra’ ou ‘melhor’ vida. O ódio ao ‘mundo’, a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-cá inventado para difamar melhor o lado-de-cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao ‘sabá dos sabás’ – tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar somente valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma ‘vontade de declínio’, pelo menos um sinal da mais profunda doença, cansaço, desânimo, exaustão, empobrecimento da vida – pois, perante a moral (especialmente a cristã, quer dizer, incondicional), a vida tem que carecer de razão de maneira constante e inevitável, porque é algo essencialmente amoral – a vida, opressa sob o peso do desdém e do eterno, não tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada como válida em si.

Desse modo, o autor nos dá pistas de como nasce o desejo de ódio contra algumas vidas. Aqui, o desejo assume o significado de máquina de produção, que organiza-desorganiza a existência. Talvez, seguindo Nietzsche (2007), a vida só se dá pelo confronto das diferenças, das singularidades e dos percalços aberrantes, o qual produz desvios naquilo que está dado como norma. A sapa, sapatona, sapatão, Maria-macho, caminhoneira, Marinhão não seria esses modos de vida aberrantes?

A sapata como protocolo de aberração da identidade

Frente a um sistema cis-heteronormativo com lógica binária, o que vaza? O que fura? O que escapa? “Porque a pedra é muito forte mas tem um porém meu bem, a água tanto bate que até que fura”⁸. Conforme o samba cantado na voz de Beth Carvalho, a

⁸ Canção *Camarão que dorme a onda leva*. Letra de Jesse Gomes da Silva Filho, Arlindo Domingos da Cruz Filho e Laudeni Casemiro.

sapatona seria o que fura a pedra, podendo ser entendida, aqui, a pedra como a heterossexualidade? A sapatona, ao reinventar e criar modos de vida singular, estaria movimentando uma lógica aberrante como modo de ser?

De fato, tais perguntas são difíceis de serem respondidas perante uma resposta lógica e linear, porque a sapa não é lógica, nem um pouco organizada. Entretanto, as estratégias para fugir, escapular e produzir linhas de fuga do regime heterossexual compõem a criação de um protocolo, que nos leva para um lugar de paradoxo, e não de um entendimento linear sobre o que é uma sapatona... ou como se torna uma sapatona, porque se nasce de uma experiência reinventiva, de uma vida criativa. Somos, assim, o que vaza do sistema heteronormativo. Ninguém nos ensinou, mas somos a contaminação de outras sapatas. É experimentando por meio dos nossos corpos e encontros que a força de uma sapa se multiplica e se rizosapata. Esse lugar não está dado como os processos da heterossexualidade. Todavia, para não cair no lugar da mesmice da norma heterossexual, é preciso se atentar para as práticas de cuidados de si e de desejos fascistas, que habitam em nós (FOUCAULT, 1993).

Quando permiti soltar a força sapatona que atravessa dentro de mim, foi uma roda de samba. A sapatona sempre pediu passagem desde a época de criancice. O meu protocolo passou a ser criado e experimentado a partir dos meus encontros amorosos com outras mulheres. Desde caminhadas, transas, até compartilhamento de receitas de bolo. E não é assim a vida: partilha de experiências? Recentemente, meu último relacionamento, com duração de um ano e meio, terminou. O fim, aqui, não se trata de rompermos a relação de amizade, mas o fim como experiência de não estarmos tão dispostas e prontas uma para a outra mais. A prudência de um afastamento é muito rica. Isso não toma como lugar de um adeus, nunca mais verei você, conforme ocorre com os fins de relacionamentos héteros. Para mim, essa vivência foi de extrema importância, quando presenciei, de perto, o cotidiano de uma sapatona mãe. Ela carrega a exaustão de uma vida de cuidados com a casa, filhos e trabalho e, ainda, tinha que lidar com o machismo e grosserias de um ex-marido. A exaustão dá passagem nas pistas de dança (Diário de uma das sapatonas, que aqui escreve).

As sapas mães são obrigadas pelo sistema a conviver com seus ex-maridos. Enquanto estiverem sob dependência financeira de uma figura masculina, pai de seus filhos, vão estar subordinadas a toda violência patriarcal. Por meio disso, como podemos produzir discursos de que direito não se negocia? Enquanto um homem tiver em mãos e na lei um contrato de casamento no papel, ele estará como fantasma no cotidiano dessas

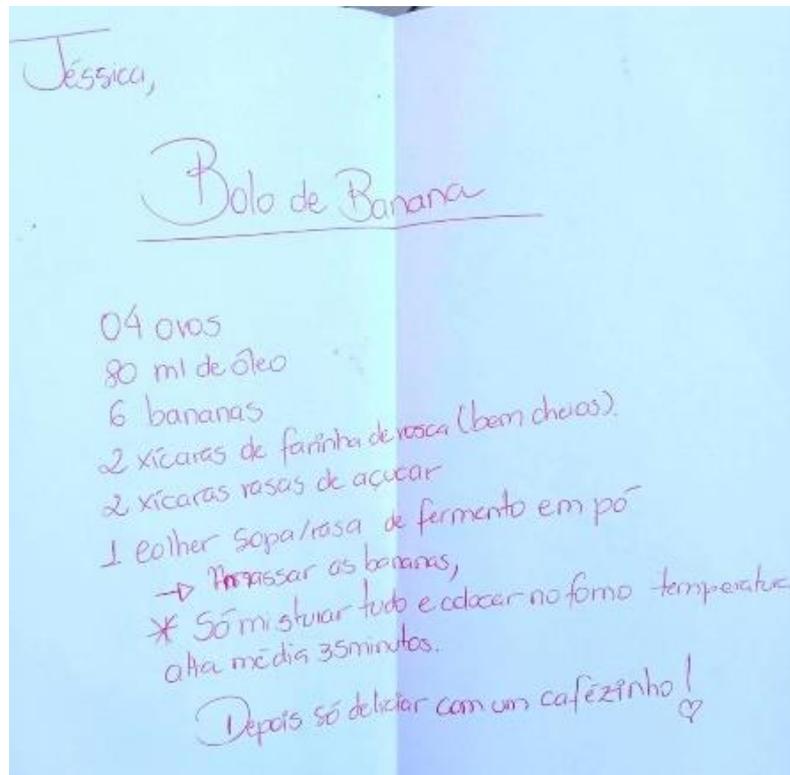
mulheres, atormentando-as. Mesmo que esse contrato seja quebrado na Justiça (divórcio), é preciso trabalhar a desvinculação da separação, que se dará no papel e na vida, pois ambos são forjados pelas relações de poder.

Há casos delicados quando existe dependência financeira por exemplo. A mulher passa a perdoar violências e abusos. Nesse caso, quem devemos procurar? Quem irá nos escutar e cuidar de nós? Acredito que todas as vezes que escolhermos permanecer num lugar onde somos agredidas fisicamente e verbalmente, estamos escolhendo permanecer. Nossas cumplicidades e alianças precisam, também, serem colocadas em análise. Gritos, surtos, manipulação, descontroles emocionais, e desdém contra nós, ainda, continuam sendo práticas, em que sapatonas mães têm dificuldades de interpretar como crime. De acordo com a lei, a agressão verbal, nos artigos 138, 139 e 140 do Código Penal, preveem algum tipo de pena.

Algumas coisas precisam ficar após o término de um relacionamento; outras precisam dar passagem e nos libertar do modo ressentido de como eu narro a vida da outra pessoa. Num relacionamento amoroso, não dividimos somente a cama. Dividimos a vida. Assim, nossa cama é política⁹. Essa experiência se soma a uma política da delicadeza, de um processo de pele com pele, de lábios com lábios, de cheiro, de xana com xana, de inúmeros encontros, que despertam, e de receitas partilhadas, como a de bolo de banana. Havia um gosto em comum entre nós: bolos de banana (Diário de uma sapatona que aqui escreve).

⁹ A cama, não é só de cunho sexual do encontro de xana com xana, ela também é política. (FALQUET, 2013).

Figura 1: Receita do melhor bolo de banana do MUNDO!



Fonte: arquivo pessoal de uma sapatona que aqui escreve.

Nessa perspectiva, faz parte do protocolo de uma sapatona permanecer com as experiências, que a potencializam, geram saúde e a fazem continuar. Desse modo, habita em nós a força de uma sapatona quando todos, todas, todes burlam a norma de gênero e da sexualidade. Assim, sapaTa é um território de força, é de paradoxo.

A verdade no duro quase nunca rola
Mais comum é se encontrar qualquer ilusão à toa
O que fica na história só o tempo dirá
Inútil então será adivinhar agora

Cada pessoa nasceu com seu destino
Ainda que for procurar
Tudo é incerto e por isso mesmo exato
Tudo que for pra ser será

Os amores que duram são raros de encontrar
Cada instante que passa, se tornarão mais belos
Cada pessoa nasceu com seu destino
Ainda que for procurar
Tudo é incerto e por isso mesmo exato

Tudo que for pra ser será

A verdade no duro quase nunca rola
Mais comum é se encontrar qualquer ilusão à toa

Cada pessoa nasceu com seu destino
Ainda que for procurar
Tudo é incerto e por isso mesmo exato
Tudo que for pra ser será
O que fica na história só mesmo o tempo dirá
Inútil então será adivinhar agora¹⁰.

Quando a igreja vai confessar pelos seus pecados contra a sapatão?

No ano de 2021, a Comunidade Bom Pastor, da Paróquia Bom Jesus – Região 10 de Cariacica/ES, recebeu uma carta, escrita por três pessoas, uma delas sapatona direcionada para toda comunidade. O motivo da escrita da carta, se deu a partir de insultos que vieram de um leigo dentro do espaço da igreja, sendo direcionada a sapatona, cristã que recebeu todos os sacramentos, conforme manda a “santa madre igreja”. No momento dos insultos, sendo interpretados como uma ação de sapafobia, a carta foi escrita como forma de protesto. A carta só chega até aqui, neste ensaio, bem como no grupo de *WhatsApp* da comunidade e se torna pública por ter tido a abertura do padre da comunidade. Pois, foi ele que sustentou esse debate e deu visibilidade e devida importância ao acontecimento, de uma das pessoas vítima de sapafobia, fato esse que constrangeu toda a equipe do coral e da igreja naquele dia.

As meninas não informaram sobre a carta e nem que a leriam para a comunidade ao fim da celebração presidida por um leigo, que havia cometido sapofobia. O padre ficou sabendo da existência da carta pela secretária da Paróquia duas horas antes de a carta ser lida. Ele não proibiu a leitura, uma vez que a sapatona afrontada pelo ódio nasceu e cresceu na igreja da referida comunidade, onde recebeu os sacramentos e onde servia em equipes de pastorais, como a do canto, por exemplo. O arquivo (carta) profere:

Foi com muita dor no coração que escrevemos esse texto.

¹⁰ Canção *Creio*, de Gal Costa.

Comunico que eu, Layza, Gabriely e Beatryz, estamos saindo da equipe de canto. Para alguns, uma perda, para outros até um alívio.

Não estamos saindo porque fomos intimidadas. Hoje saímos de cabeça erguida, nosso dever foi cumprido aqui. Em nenhum momento estávamos aqui para fazer show ou mostrar o que sabíamos. Sempre estivemos por vontade própria. Servimos com amor. Servimos porque gostávamos de cantar a Deus. E agradecemos aos dons que ele nos deu, e não iremos deixá-los de lado. Continuaremos nossa caminhada. Não é sobre disputar uma queda de braços e vencer o mais forte. É sobre cuidar da mente, do coração e procurar paz.

Eu, particularmente, estou na equipe de canto a um pouco mais de 8 anos. Quando fiquei longe por um tempo, foi como se tivesse uma faca no meu peito, um vazio. Percebi que nunca foi por obrigação estar na equipe de canto. É renovador cantar pra Deus. É maravilhoso senti-lo através do canto.

Estamos saindo por não ter mais psicológico pra aguentar o que vem acontecendo.

Palavras que ferem e olhares que julgam. Nós não servimos o mesmo Deus que alguns aqui pregam. E já foi perguntado se todo esse tempo estamos servindo o Deus certo. E a resposta foi a esperada. Sim! Nós servimos o Deus certo, que acolhe, que ama, que é compassivo, que é misericordioso e que, sobretudo, não faz distinção de pessoas. O nosso Deus, o que nós conhecemos, não é aquele que apedreja com palavras e nem com olhares. Deus disse para amarmos o próximo como a nós mesmos. Mas como pode, alguém que se diz servo de Deus, que prega a sua palavra, que é tão bonita, chamar o seu irmão de aberração?

Com certeza ali não há amor. Porque se fazes com o próximo o que fazem, certamente não há amor dentro do coração.

A igreja é lugar de acolhimento. Não importa a vestimenta, não importa a cor, não importa a raça, não importa a orientação sexual, não importa o estado civil. Somos irmãos uns dos outros, assim como Jesus nos ensinou. Prega-se tanto a paz, o amor, mas ao colocar em prática, é tudo ao contrário. Somente pedras, apontar de dedos.

Ninguém aqui na terra é capaz de dizer quem entra ou não no céu. Ninguém é porteiro do céu.

Bandido bom não é bandido morto. Bandido bom é bandido que se arrepende dos seus pecados.

Cada um terá o seu julgamento, mas o único, que pode fazer, é Deus.

Temos teto de vidro, devemos tomar cuidado com as palavras que saem da nossa boca. As palavras ferem mais que um tapa na cara. As palavras doem, os olhares doem.

Repito, não estamos saindo porque fomos intimidadas. Não fomos. Pelo contrário, não temos medo de enfrentar. Em qualquer lugar que formos, vamos pregar o amor e a união. Tenho certeza que há um lugar onde seremos aceitas e poderemos cantar o nome de Deus sem olhares preconceituosos e sem ouvir palavras que ferem.

Aqui não é o primeiro lugar e nem será o último em que iremos passar por isso. Mas não cederemos e não resistiremos. Ninguém é obrigado a aceitar ou concordar com absolutamente nada. Mas a única coisa que as pessoas devem ter para com as outras é respeito.

Ninguém escolhe sofrer, ninguém escolhe ser julgado, ninguém escolhe ser tratado com indiferença. Isso não é uma opção.

Vamos aprender a respeitar o próximo, como nós gostaríamos de ser respeitado. Vamos aprender a ser bondoso e compassivo, assim como foi Jesus em sua trajetória. Gostaria de agradecer a algumas pessoas. E elas sabem quem são. Agradecemos pelos conselhos, pela força, pelo acolhimento e por usar as palavras de Deus para transmitir amor e não ódio. Peço a Deus que abençoe a cada um. Peço a ele que nos dê sabedoria e discernimento para que possamos continuar colocando nossos dons a serviço dele. Desejo a vocês o dobro do que vocês desejam a nós e espero que isso os conforte. Finalizando, gostaria de deixar um pequeno versículo

Mateus 7:1-5

- 1 “Não julguem, para que vocês não sejam julgados.*
 - 2 Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.*
 - 3 Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?*
 - 4 Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu?*
 - 5 Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão”.*
- Obrigada.*

A carta é um manifesto de uma experiência de safafobia e que compõe, ao mesmo tempo, a força da política da amizade, na qual as demais pessoas assumem o compromisso ético de preservação da vida, e uma atitude profética, profundamente evangélica, diante da discriminação sexual, de que uma das mulheres foi vítima dentro do espaço religioso, que prega acolhimento e amor. A carta faz jus à palavra aberração. Com isso, afirma que os comportamentos de uma sapatona seriam aberrantes. O arquivo nos ajuda a entender sobre o lugar ultraconservador e as práticas heteronormativas dentro do espaço religioso. No entanto, quando uma sapatona vai à igreja cantar no coral, ela não vai em busca de reflexão, mas, ao contrário, ela própria provoca e força o pensamento dentro da comunidade. Decerto, sua presença é uma abertura para pensar o sujeito de direitos, que merece viver como todas as demais pessoas.

Dessa maneira, a carta é um analisador¹¹, que coloca a safafobia e as práticas de ódio dentro de uma instituição, que impõe apenas o modo de vida hétero e o não pecado.

¹¹ São práticas, discursos que movimentam dentro da instituição. Heliana Conde (2020, p. 16) diz: “Trata-se de analisar os vínculos com as instituições em jogo”.

A aberração das sapatonas na igreja é algo que, ainda, continua incomodando, uma vez que elas rompem com a maternidade compulsória e com o lugar serviçal e de submissão, que a igreja dita para a vida das mulheres no matrimônio.

É relevante ressaltarmos que a igreja tem grande interesse pela produção do discurso da procriação. Doravante, as mulheres seriam a máquina reprodutora de filhos. Michel Foucault (2021), na obra *História da sexualidade 4: As confissões da carne*, frisou que a ordem do casamento seria, em primeira vista, a procriação de filhos para o Estado. Nessa perspectiva, os fascistas, reacionários e conservadores veem a função do sexo como reprodução. Sobre isso, Monique Witting (2022, p. 37) diz:

A reprodução compulsória da ‘espécie’ pela mulher é o sistema de exploração em que a heterossexualidade se baseia economicamente. A reprodução é essencialmente esse trabalho, essa produção feita por mulheres, por meio da qual se perpetua a apropriação pelos homens de todo o trabalho das mulheres. É preciso incluir aqui a apropriação do trabalho que é associado ‘por natureza’ à reprodução, à criação dos filhos e às tarefas domésticas.

Continuando com esse mesmo raciocínio, a mulher é relacionada à produção forçada à maternidade, permanecendo refém de uma experiência um tanto exaustiva junto com a experiência de trabalho fora e dentro de casa, e passando a assumir o tempo a zelar pela vida e cuidado do outro. Nas palavras de Michel Foucault (2021, p. 339):

A procriação no sentido físico do termo não tem sentido, portanto, a não ser em relação a estas duas referências que se situam, uma e outra, às portas do tempo. E não tem outro papel senão o de ser antes da queda, e que não o tem mais desde que o tempo da ressurreição chegou. A procriação teve seu tempo. E o preceito ‘crescei e multiplicai-vos’, formulado desde que o homem foi modelado por Deus e que, por consequência, domina o tempo, deve ser dotado de um novo sentido: é às gerações espirituais, mais belas do que as do corpo, que devemos doravante nos dedicar.

A vigilância da igreja sobre o corpo do outro, o gênero, a sexualidade e a raça é algo que se dá pela tecnologia da confissão. Segundo Judith Butler (2022), a confissão foi o primeiro modelo de clínica inventado. É por meio de tal prática do confessor que se tem acesso ao dito “pecado”. Nossos medos, experiências, fantasias e traumas são compartilhados com a figura do padre, que, ao ouvir, distorce os processos de experimentação, interpretando como pecado, como se fosse algo sujo, que precisa ser

confessado como segredo e anulado do comportamento: “O poder pastoral é, portanto, a forma de poder pela qual se dá a administração da alma” (BUTLER, 2022, p. 272). O fato é que o corpo sempre aparece na confissão, e esse corpo tem gênero, sexualidade, corpo e classe.

Quando a sexualidade é entendida como um pecado, algo de ordem demoníaca, estamos produzindo e forçando o discurso do ódio. Em uma democracia e num espaço religioso, as práticas e os discursos não são convincentes com os mandamentos de amor, acolhimento, cuidado e respeito. A carta de Layza, Gabriely e Beatryz nos ensina que todas as vidas importam e que esse lugar da igreja continua sendo um paradoxo. O escrito é um manifesto para questionarmos o que estamos fazendo de nós e quais existências, finalmente, importam em nossos discursos.

Considerações Finais

Chegamos à conclusão de que precisamos ficar atentas/os sobre quem tem sido nossas aliadas e aliados, que reconhecem nossas existências e garantem nossa existência. A coragem e a força de Layza, Gabriely e Beatryz nos mobiliza a questionar o que temos feito de nós. A artista Nina Simone nos ensinou que “Liberdade é não ter medo”. Ela, também, disse: “Você tem que aprender a levantar-se da mesa quando o amor não estiver sendo servido”. Enquanto seguirem desrespeitando as existências de subjetividades sapatices, elas, por si mesmas, irão se retirar de quaisquer espaços institucionais. Finalmente, o fomento ao ódio é o estopim para a exclusão das demais alteridades de gêneros e de sexualidade. Há pessoas, neste exato momento, que estão sendo ensinadas a nos odiar. Fiquemos todas atentas, pois a sua fé pode ser uma fé fundamentalista, que, em nome de deus, se MATA.

Referências

BRASIL. Decreto Lei 2848/40, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miquens. Revisão técnica Carla Rodrigues. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Coordenação da tradução Carla Rodrigues. Tradução Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. São Paulo: Ed. da Unesp, 2022.

CENCI, Angelo Vitório; CASAGRANDA, Edison Alencar. Alteridade, ação e educação em Hannah Arendt. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 167, p. 172-191, jan./mar. 2018. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4664/pdf_1. Acesso em: 18 jul. 2023.

CONDE, Heliana. **As subjetividades em revolta**: Institucionalismo francês e novas análises. Rio de Janeiro: Laparina, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

FALQUET, Jules. **De la cama a la calle**: perspectivas teóricas lésbico-feministas. Producción Brecha Lésbica. Edición Ochy Curiel y Jules Falquet. Revisión de textos María José Díaz Granados. Livro originalmente editado e impresso eletronicamente por: Fem e libros / Impreso em Buenos Aires, Capital Federal, 2013.

FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: Uma Introdução à Vida Não Fascista. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 197-200, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4**: As confissões da carne. Compilação Frederic Gross. Tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarreto. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

JUNQUEIRA, Diniz Rogério. Ideologia de Gênero: uma ofensiva reacionária transnacional. **Revista: Heresias da presente conjuntura sociopolítica e cultural**, n. 32, p. 01-22 jun. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução e notas de posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo Cu**: políticas anais. Tradução Rafael Leopoldo. Grupo Editorial Letramento, Argentina, 2016.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**. Record, Rio de Janeiro, 2005.

WITTING, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução Maíra Mendes Galvão. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Why is fundamentalist Christianity afraid of the aberrant butch?

Abstract: The essay aims to problematize the discourse about fundamentalist Christianity and the discourse of the extreme right. Then, both were forged in politics, causing a discourse around the talk of gender ideology. We attach a manifesto letter written in 2021 by three people, one of whom is a dyke, in which they denounce the conservatism of a Catholic community located on the outskirts of Cariacica, Espírito Santo. The letter is an analyzer (a tool of institutional analysis), which opens reflection on how fundamentalist Christianity produces violence. At the same time, the letter is an archive of problematization of practices and resistance. We also raise questions about how the Catholic Church continues to be a place of paradox, which preaches “love” and “hate” among believers. In times of hate speech and fascism, some lives remain vulnerable, being targets of various attacks. The butch, as a deviation of identities, mobilizes the politics of blurring and discomfort to the norm. It is important to note that, since 1995, at the United Nations World Conference on Women, the Vatican has questioned the existence of lesbians as human beings under the law. The ecclesial groups had asked whether the lesbian was really a woman. The pastoral power that watches over bodies is the same power that preaches peace. In this perspective, what do these discourses produce as practices sleaze? It is essential to emphasize that fundamentalist discourse fosters fascism, since it makes hatred of the other gain strength. Thus, the extermination of the black population, domestic violence, the murder of cis and trans women, and sapaphobia are experiences that, accused by conservative practices, are produced by discourses, which plead for their erasure. Finally, this paper launches a dialog with Michel Foucault and Judith Butler regarding the technologies of control of pastoral power and the surveillance of genders and sexualities, questioning, finally: when does a life matter and what clues about practices of resistance are possible to think about in a time when everyone watches the other’s ass?

Keywords: Alterity; Religious fundamentalist speech; Butch; Subjectivity.

Recebido: 26/07/2020

Aceito: 26/02/2020